

CAPÍTULO 6

PROCESSO MUSEOLÓGICO E EDUCAÇÃO:

contribuições e perspectivas.

“Ligado à prática, o ato teórico estabelece-se a partir do que o homem é, concretamente, como um todo, um nó de relações com o mundo. Vale dizer, um encontro de ação, pensamento, desejo, prazer, paixão, sonho...”

Otaviano Pereira, (1990,p.85)

Dezembro de 1994 foi o marco por mim estipulado para iniciar a análise das diversas ações, objetivando atender aos requisitos do Doutorado em Educação, apresentando a tese. O Museu Didático-Comunitário de Itapuã continua em desenvolvimento e, por certo, ainda fornecerá um vasto material para muitas outras pesquisas. Durante todo o processo, como ficou registrado anteriormente, foram feitas reflexões constantes, com o intuito de tornar as ações mais claras, acertar os passos de acordo com as necessidades dos diversos grupos envolvidos e analisar o produto do trabalho alcançado. Porém, neste momento, sentimos necessidade de lançar mais um “olhar” sobre os caminhos percorridos. Ressalto, entretanto, que não pretendo ser “objetiva”, almejando uma neutralidade absoluta que apague as marcas da minha implicação no meu objeto de estudo. Estive, todo o

tempo, imersa neste processo, na totalidade; foi realmente um encontro de ação, pensamento, desejo, prazer, paixão e sonho. Por isso, me incluo na análise que aqui será realizada, assumindo que este caminhar tem sido, também para mim, uma fonte infinita de conhecimento e de crescimento pessoal.

As reflexões que serão aqui realizadas são, portanto, o resultado do processo constante de ação-reflexão que se deu ao longo do caminhar. Não são estanques, ao contrário, estiveram sempre presentes no emaranhado de construção e reconstrução. Este crescimento constante, permeado de erros e acertos, permitiu que tivéssemos condições, neste momento, de apontar alguns aspectos por nós considerados relevantes. Assim, tentarei, dentro do possível, considerando as minhas limitações, destacar alguns pontos que acredito possam contribuir para a continuidade das ações no Museu Didático-Comunitário de Itapuã, para a organização e funcionamento de outros museus, e para a construção do conhecimento nas áreas da educação e da Museologia.

• QUANTO AO PROCESSO MUSEOLÓGICO:

A concepção básica inicial foi de fundamental importância para nortear todas as etapas do processo. Apesar dos estudos na área da Museologia ainda serem em número reduzido, proporcionaram o embasamento teórico necessário ao desenvolvimento das diversas ações, tornando possível o encontro entre a teoria e a prática permitindo que ambas fossem fortalecidas e enriquecidas. Desse processo, podemos, então, levantar alguns aspectos relacionados com as questões teórico-metodológicas na Museologia, que talvez possam enriquecer nossos debates em torno do tema.

Preliminarmente, o conhecimento museológico inerente ao projeto era detido pela coordenadora que o concebeu tomando como parâmetro reflexões teóricas selecionadas, que lhe permitiram traçar uma concepção básica inicial, o ponto de partida no sentido de nortear as ações. É necessário ressaltar, entretanto, que havia a consciência de que este conhecimento museológico não seria aplicado como uma receita pronta, mesmo porque o que estava sendo proposto era uma interação com os sujeitos envolvidos no processo, percebendo-se, com clareza, que apenas estava sendo dado um “ponta pé” inicial, embora fosse também reconhecido, que este “ponta pé” deveria ser dado com firmeza, para que o processo tivesse condição de sustentar-se, crescer e ser enriquecido. Gradualmente, à medida em que o grupo foi se constituindo e as diversas ações foram sendo desenvolvidas, a concepção básica inicial foi deixando de ser, somente, domínio da coordenadora, e foi tomando características próprias, no seu caminhar. Ao lançarmos mais este olhar, resultado da relação teoria/prática, podemos, portanto, destacar os seguintes aspectos, em relação à construção do conhecimento na Museologia.

O processo museológico antecedeu à existência objetiva do museu. Este não se deu a partir de uma coleção, de uma instituição, como normalmente se concebe, mas teve na pesquisa o suporte essencial para o seu desenvolvimento. Do processo de construção do conhecimento está sendo realizada a musealização, processada a partir da prática social (na escola e no bairro), na sua dinâmica real, ou seja no processo social, em interação, considerando-se as suas dimensões de tempo e espaço, abordando a cultura de forma integrada às dimensões do cotidiano. A ação museológica

não objetivou a *representação cultural*, entendendo a cultura como um domínio à parte, em forma de eventos, ou separando os objetos das práticas culturais que lhes conferiram significado, marcada pela dissociação entre o produtor e o consumidor. Ao contrário, buscou a *qualificação* da cultura, através da interação entre os técnicos e os sujeitos envolvidos no processo . Foi com o objetivo de *culturalizar* as muitas realidades do bairro e da escola, ampliando as suas dimensões de valor, de consciência e de sentido que as diversas ações foram desenvolvidas, motivando a realização de novas práticas sociais. O processo museológico tornou possível então a *qualificação* da cultura, por meio das ações de pesquisa, de preservação e de comunicação. Consideramos necessário portanto, destacar as características de cada uma destas ações em particular, para em seguida, reintegrá-las enquanto processo museológico.

O cotidiano da escola e do bairro, qualificado como patrimônio cultural, foi o objeto de pesquisa, o vetor de todas as ações desenvolvidas em interação com alunos, professores e moradores locais. O que se buscou, em todos os momentos, foi uma análise e interpretação da realidade, ou das muitas realidades, a partir dos pontos de interesse dos diversos segmentos envolvidos, produzindo, através da pesquisa, um conhecimento que está sendo apropriado e reapropriado pelos sujeitos envolvidos nas diversas programações. O processo de compreensão, de qualificação do fazer cotidiano enquanto patrimônio cultural se deu ao longo do caminhar, no processo da pesquisa. Foi por meio da ação interativa e da reflexão, tomando como referencial a observação e a análise da realidade, que se conseguiu culturalizar aspectos da realidade local, em interação com outras realidades. Neste fazer

museológico pesquisa e comunicação não se dissociaram, se integraram, construindo *conhecimento*, com base no diálogo, em contextos interativos.

As ações de pesquisa também tornaram viável a aproximação entre técnicos, alunos de 1º e 2º Graus, estudantes de Museologia, professores e moradores locais. Por seu intermédio foi possível construir conhecimento, tomando como referencial o cotidiano, qualificado como patrimônio cultural. Este conhecimento, portanto, está sendo construído na ação museal e para a ação museal, objetivando a construção de uma nova prática social no fazer cotidiano da escola e em interação com os moradores locais.

Em relação às ações de preservação, a coleta não se processou através da recolha dos objetos, para se formar uma coleção representativa da cultura local. Os documentos referentes à História do colégio e do bairro já existentes no Colégio Lomanto Júnior foram processados e colocados à disposição dos usuários, buscando-se uma ação educativa e de comunicação. À medida em que as diversas programações foram sendo desenvolvidas, foi-se levantando conhecimento a respeito da cultura local, obtendo-se como produto fotos, textos, slides, vídeos, relatórios etc. Neste processo, não existiu a ação de coleta por parte do técnico no sentido de recolha, de retirar o acervo do seu contexto ou apontar determinados aspectos do bairro, monumentos, prédios, logradouros etc., como “culturalmente” significativos. Está sendo produzido um acervo referente à realidade do bairro e do colégio, a partir das ações de pesquisa por meio da ação interativa entre os técnicos e os grupos envolvidos. Tem-se buscado a qualificação da cultura, da análise e compreensão

do patrimônio cultural na sua dinâmica real e não a seleção de determinados aspectos para armazenamento e conservação.

Quanto à ação de conservação, tem-se buscado, através das diversas atividades desenvolvidas, a formação de “atitudes preservacionistas” por parte dos grupos envolvidos. À medida em que a técnica vai sendo aplicada e os programas em sala de aula vão sendo desenvolvidos, cria-se um processo de discussão, de análise, com o propósito de situá-la no contexto onde está sendo aplicada. Estabelece-se, pois, um processo no sentido de compreender os objetivos da preservação, no fazer cotidiano e o seu papel na História de vida das pessoas. A conservação é, então, um processo de reflexão para uma ação que se dá em um contexto social, no caso a escola e o bairro e não somente a aplicação de técnicas em determinados acervos.

Quanto ao processo documental, não se limitou ao registro do acervo, mas buscou-se, através da cultura qualificada, produzir conhecimento elaborado no processo educativo por meio das ações de pesquisa. A ação documental não se deu de forma isolada pelo técnico, mas, ao contrário, os grupos envolvidos, moradores, estudantes, professores, estão sendo co-autores da ação documental, na medida em que realizam a coleta de dados, utilizando os instrumentos destinados a este fim, e ao mesmo tempo, no processo de aplicação, identificam problemas, sugerem modificações, enriquecendo-o, tornando-os flexíveis, adaptáveis às várias circunstâncias, de acordo com as características das diversas programações.

O processamento do conhecimento produzido e sua inclusão no banco de dados se dá com a participação dos componentes do Núcleo Básico do Museu, ao mesmo tempo

em que os técnicos responsáveis pela ação documental participam, em sala de aula, da organização das programações, na elaboração dos instrumentos de coleta de dados, através de um processo dialógico no qual o museólogo e os demais grupos envolvidos são enriquecidos, tanto na fase de planejamento como na execução, havendo também, um aumento da auto-estima de ambos quando o produto do seu trabalho é utilizado para a compreensão da realidade e para a construção de um novo conhecimento, atingindo, assim, os objetivos propostos nesta ação de documentação.

No que diz respeito à ação de comunicação, podemos dizer que esta permeou todo o fazer museológico. A pesquisa e a preservação, conforme análise realizada anteriormente, foram gestadas por meio de um processo constante de interação em uma ação pautada no diálogo e em contextos interativos, levando-se em consideração as características dos diversos grupos sociais envolvidos, considerando-se as diversidades culturais, as diversas maneiras de estar no mundo, de se expressar por meio de diversas linguagens. O processo museológico foi concebido como uma ação de comunicação, tornando possível ver assim, expressar e transformar a realidade.

Vale a pena ressaltar que a ação de comunicação não se limitou aos momento de exposição, embora esta também esteja fazendo parte do processo museológico. Entretanto, é necessário esclarecer que sempre fica uma distância entre o material *inerte* que é exposto e o processo vital que lhe deu origem. É interessante registrar também que neste processo, ao contrário do procedimento mais usual nos museus, quando a exposição é o ponto de partida no sentido de estabelecer uma interação com o público nesta ação museológica a exposição é,

ao mesmo tempo, produto de um trabalho interativo, rico, prenhe de vitalidade, de afetividade, de criatividade, e de reflexão, que deu origem ao conhecimento que está sendo exposto, ação dialógica, de reflexão estabelecida no processo de montagem e ponto de partida para outra ação comunicativa.

A reflexão sobre cada ação museológica, em particular, foi necessária no sentido de tornar mais claras as partes do todo. É necessário, entretanto, reintegrá-las, não as dissociando, evitando os compartimentos estanques, sob pena de cairmos no tecnicismo, nas famosas receitas de aplicação da técnica pela técnica, dissociada da prática social, do seu rico processo de construção e reconstrução, de acordo com o contexto social no qual está sendo aplicada. Neste sentido, devemos ressaltar que as ações de pesquisa, preservação e comunicação estiveram, em todos os momentos, integradas entre si, aos objetivos do projeto e às características dos grupos com os quais estivemos interagindo, em um processo constante de revisão, de adaptação e de renovação.

Destacamos, portanto, neste *processo museológico* aplicado à Educação, dois aspectos fundamentais: a qualificação da cultura, realizada a partir da interação entre o técnico e os demais sujeitos sociais e a musealização do fazer cultural (através da pesquisa, da preservação e da comunicação), compreendida como uma ação educativa e de interação, produzindo conhecimento e construindo uma nova prática social. Não pretendemos esgotar as possibilidades de discussão a respeito do fazer museológico fornecidas por esta prática. Os esquemas que apresentamos a seguir objetivam sintetizar as nossas reflexões, apontando, talvez, para mais uma abertura em torno das questões teórico-metodológicas na

Museologia e objetivam também facilitar a compreensão do processo.

PROCESSO MUSEOLÓGICO COMO AÇÃO INTERATIVA



PROCESSO MUSEOLÓGICO ENRIQUECIDO NA DINÂMICA DO PROCESSO SOCIAL

Nesta ação museológica, podemos definir então o *fato museal* como a *qualificação da cultura em um processo iterativo de ações de pesquisa, preservação e comunicação, objetivando a construção de uma nova prática social.*

A musealização então se dá a partir da prática social, em uma ação educativa de interação e de participação, por meio das ações de pesquisa, preservação e comunicação.

Ao longo da nossa pesquisa-ação, pudemos realizar algumas reflexões sobre o movimento denominado **Nova Museologia**, que tanta polêmica vem causando entre os profissionais da nossa área, refletida nas obras citadas no referencial por nós utilizado para a concepção inicial deste processo museológico. Ressaltamos, no capítulo 3, que para nós a Museologia é uma ciência em processo e, como tal, em permanente construção. Não nos parece pertinente, portanto, considerar a existência de uma **Nova Museologia**, sob pena de esvaziá-la, de retirar do seu contexto toda a produção que a antecedeu, desprezando essa produção com um sentido pejorativo de velho, obsoleto, inútil, quando esta deve ser considerada a base, o apoio necessário que nos fundamenta para novas investidas. Consideramos, entretanto, de fundamental importância, destacar que este movimento, e não uma nova Museologia, foi um vetor no sentido de buscarmos novos caminhos, que descobrimos a cada etapa avaliada não ser o ideal; ser o possível, mas que nos instrumenta para seguir adiante buscando o desenvolvimento constante da ciência

museológica. **O Movimento da Nova Museologia** foi um impulso necessário à renovação, contribuindo, efetivamente, com o enriquecimento do processo museológico e, sobretudo, com um fazer museológico mais ajustado às diversas realidades. Da construção concreta de museus, com base na interação e na participação, conseguimos avançar também em relação aos aspectos teórico-metodológicos da Museologia. É necessário, portanto, reconhecer o papel do movimento denominado **Nova Museologia**, sem contudo confundí-lo com a *MUSEOLOGIA* propriamente dita.

- **QUANTO À CONCEPÇÃO, ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DE UM MUSEU DIDÁTICO-COMUNITÁRIO:**

A proposta metodológica inicial previa a estruturação do museu como uma etapa final, a ser planejada com os diversos segmentos envolvidos, após o desenvolvimento das programações. Entretanto, na dinâmica do processo, à medida em que as ações museológicas foram sendo desenvolvidas, a instituição do museu foi sendo estruturada, gradualmente como resultado do processo museológico. Foi a concepção inicial do projeto, enriquecida ao longo da execução das atividades, que dotou este museu de alguns aspectos específicos. Assim, podemos destacar as seguintes características:

A Denominação :

A denominação “Museu Didático-Comunitário de Itapuã - MDCI”, foi sendo constituída no processo. O grupo

inicial, tomando como referencial os objetivos do projeto ao longo do caminho, adotou. É interessante registrar que havia uma grande expectativa no sentido de realizar, imediatamente, a mobilização da comunidade, divulgando o projeto e realizando eventos conjuntamente. Foi necessário que a coordenação, em vários momentos, estimulasse reflexões, sobre a necessidade da qualificação e não da representação cultural. A culturalização do fazer cultural local deveria ser realizada, gradualmente, a partir das programações que seriam desenvolvidas em sala de aula, quando os moradores locais, inclusive os estudantes e os professores residentes no bairro, deveriam contribuir para a construção do conhecimento, a partir das suas histórias de vida. A comunidade não foi considerada como uma categoria à parte, mas imersa no processo educacional, inserida no fazer cotidiano da escola, contribuindo para a sua construção e reconstrução, ao mesmo tempo em que, através da relação escola-comunidade, participou da qualificação da sua prática social, enquanto fazer cultural.

O didático não está limitado à mera aplicação de técnicas pedagógicas em sala de aula, mas à produção de conhecimento em vários níveis de ensino, a partir da reflexão sobre a realidade, qualificando-a culturalmente, ampliando, inclusive, o conceito de sala de aula. O didático e o comunitário desta forma, foram integrados, enriquecendo-se mutuamente. Este museu está sendo concebido e gestado no processo educativo, **com o processo educativo e para o processo educativo.**

O Acervo:

O acervo *institucional* está sendo formado gradualmente, a partir das ações de pesquisa, preservação e comunicação em interação, qualificando aspectos da cultura local, de acordo com os interesses dos grupos envolvidos. Até o presente momento, o acervo *institucional* do MDCI é constituído de material arquivístico e iconográfico, fotografias, plantas, maquetes, depoimentos e testemunhos, documentação urbana e sobre a História do colégio coletada por meio de pesquisas históricas, sociológicas, antropológicas e no próprio processo museológico.

Quanto ao acervo *operacional*, as áreas do tecido urbano socialmente apropriadas, como as paisagens, estruturas, monumentos, equipamentos etc. estão sendo qualificadas culturalmente, alimentando também a produção do acervo institucional, ao servirem como referencial para a produção de um conhecimento que está sendo musealizado e colocado à disposição no banco de dados.

Merece destaque o fato de que neste museu está sendo produzida, por meio da ação documental, a própria história do museu, do processo museológico que o originou e que o está alimentando. Neste sentido, foi criado no banco de dados um item destinado ao projeto e ao MDCI, que está sendo enriquecido com o desenvolvimento das diversas ações, proporcionando aos pesquisadores a possibilidade de conhecerem as suas diversas etapas, desde o projeto inicial, apresentado ao doutorado, até a elaboração da presente tese que será incorporada ao acervo do MDCI, assim como toda a documentação que vier a ser originada ao longo do caminho . Além dos relatórios elaborados durante a realização dos

programas, constam do banco de dados fotos, vídeos, slides, textos, programas de atividades, enfim, todo o material produzido nas diversas ações.

Este museu não está centrado na coleção. Tem a pesquisa como suporte essencial para o desenvolvimento das ações museológicas. Do processo de construção do conhecimento em vários níveis é que está sendo constituído o acervo.

O Espaço e as Exposições:

Em relação ao espaço destinado ao Museu, podemos destacar, ou demarcar, duas áreas distintas:

- a) O próprio espaço utilitário da escola - salas de aula, corredores, pátio, jardins etc.
O bairro - a feira, o mercado, a rua, a praça, a praia, a igreja, o clube, a residência etc., considerados como espaços destinados à prática cultural.
- b) O espaço destinado à organização e gestão do MDCI - salas destinadas ao funcionamento do museu no interior da escola e adaptadas para atuação dos diversos setores e para instalação do banco de dados. Este espaço é essencial no sentido de proporcionar as condições de trabalho necessárias ao funcionamento do Núcleo Básico, sendo também, o ponto de referência, a sede onde as ações são discutidas e planejadas.

Em relação às exposições, não há um espaço definido para as mesmas, podendo acontecer no corredor ou nas salas

do núcleo central. Os espaços são selecionados de acordo com as programações. Assim, podem acontecer também nos jardins do colégio, no pátio, na praça etc. Não existe, até o momento, uma exposição permanente, pois as mesmas são montadas de acordo com a dinâmica do processo, a partir do conhecimento produzido nas diversas programações que estão sendo desenvolvidas. Apenas são mantidos alguns painéis que apresentam a concepção do museu, o funcionamento do Núcleo Básico, os programas já desenvolvidos, as metas estabelecidas e as instituições que estão apoiando o projeto.

Como já foi explicitado no item anterior, a exposição é, ao mesmo tempo, o resultado e o início de um processo. A montagem tem se dado de forma extremamente simples, considerando-se as reais possibilidades oferecidas, em termos de materiais, espaço e, sobretudo, privilegiando a participação dos sujeitos envolvidos nas ações que as originaram. Desta forma, as regras tradicionais da Museografia tiveram que ser substituídas pelo “fazer possível e criativo”, quando se utilizam carteiras, tábuas envolvidas em papel metro como bases, sobras de isopor e papel metro como painéis, cartolina, papel carmem de cores variadas como suportes para as informações, cordas, barrotes e as próprias paredes do colégio como suportes para sustentar painéis e outros materiais. O que se privilegia não é a exposição, enquanto produto estético, pronto, acabado, elaborado pelo técnico, mas as possibilidades de socialização e o desenvolvimento de atitudes de cooperação, organização e resolução de problemas, através de soluções criativas. Confesso que não tive nenhum pudor em quebrar as regras aprendidas na academia.

A gestão e organização do Museu:

A coordenadora do projeto está sendo responsável pela gerência do MDCI. É interessante registrar a importância da formação da mesma em Museologia e Educação, proporcionando o embasamento necessário, no sentido de dotar o museu de uma concepção, tornando, por meio da participação, da discussão, da reflexão, esta concepção interiorizada por todos os componentes do grupo, ao mesmo tempo em que abre espaço para que a mesma seja enriquecida, através da contribuição dos componentes do Núcleo Básico e dos participantes das diversas programações. A gerência tem se caracterizado pela co-participação, o que tem tornado o processo bastante rico no sentido da troca e do respeito à idéia do outro. É importante ressaltar que a coordenação tem feito um esforço duplo no sentido de preparar roteiros de reuniões, sugerir propostas para os diversos programas, elaborar roteiros de avaliação, apresentando-os para discussão e aprovação do Núcleo Básico, reelaborando-os de acordo com as propostas do grupo e procedendo ao acompanhamento das atividades, não como supervisora, mas envolvendo-se em todas as ações, sentindo-se membro do grupo. Ressaltamos que o processo participativo e o trabalho em cooperação necessitam de uma organização, de pautas e roteiros que deflagrem as discussões, de definições de atribuições, de acompanhamento das atividades, evitando-se a perda de tempo, a dispersão e, sobretudo, tornando claro para o grupo as ações que serão desenvolvidas, seus objetivos, as metas a serem alcançadas. Reconhecemos, portanto, que a participação neste processo não eliminou o poder. O que se tem buscado é uma alternativa democrática para o poder.

No curso da gestão, foi se delineando a estrutura do Museu. Primordialmente, como o grupo era bastante reduzido

e as ações planejadas envolviam somente o grupo inicial, todos participavam das diversas atividades. À medida em que o grupo foi se ampliando, a coordenação e os demais componentes sentiram a necessidade de definir atribuições, de designar pessoas de acordo com as suas características e as motivações de cada um para o desempenho das diversas atividades. Os setores foram sendo estruturados no decorrer das atividades museológicas de acordo com o desenvolvimento das programações. O funcionamento dos mesmos possibilitou o andamento dos trabalhos, com organização, evitando-se o acúmulo de tarefas que envolvam todos os componentes do núcleo, como ocorria inicialmente, além de tornar possível atingir as metas determinadas pelo Núcleo Básico, com mais facilidade.

A organização do museu foi se dando então no processo . Este já existia, de fato, quando foi sentida a necessidade de torná-lo oficial, inserindo-o, de direito, na organização do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior. O que se pretendia era assegurar a existência do MDCl, dando continuidade ao processo, com amparo legal. O estatuto veio em decorrência das diversas ações desenvolvidas, tendo sido elaborado com a participação de todos os segmentos envolvidos, o que, no nosso entender, proporcionou-lhe bastante legitimidade, não só por ser o resultado de um processo participativo, o que demonstra o compromisso dos sujeitos envolvidos, como também por ter sido elaborado a partir das reflexões realizadas, tendo como referencial todo o caminhar. O estatuto neste processo não é uma norma estanque, dissociada da realidade, ao contrário, é o resultado da vivência e, como tal, provavelmente, será tão dinâmico quanto esta. Reconhecemos que não é este que assegurará a

existência do museu, mas o compromisso assumido pelos participantes.

O Núcleo Básico, concebido, inicialmente, a partir do Curso do Magistério, teve a sua concepção ampliada, envolvendo também todo o 1º Grau, sendo este de extrema importância no sentido de reunir as pessoas, de integrá-las, de possibilitar a divulgação das diversas ações, tornando-as enriquecidas por meio da colaboração dos membros dos diversos setores. Ressaltamos, também, a sua importância no sentido de desenvolver atitudes de respeito às idéias do outro, de ser o espaço onde os problemas, as dificuldades, as divergências, são colocadas em evidência de uma forma aberta, sincera, tornando o ambiente bastante saudável, evitando os ressentimentos, favorecendo a amizade, a descontração e possibilitando aos componentes, avaliarem a si próprios e aos demais componentes do grupo. É necessário ressaltar, entretanto, que as divergências, os conflitos, estão presentes e, às vezes, não conseguem ser resolvidas com facilidade. O que consideramos importante é a postura de sinceridade, de maturidade em enfrentá-los, quando aprendemos mutuamente a tentar superá-los sem camuflar. A liderança da coordenação neste momento tem sido de fundamental importância no sentido de identificar os problemas e de se colocar, abertamente, em relação aos mesmos, incentivando o grupo para que tenha a mesma atitude.

Destacamos também, que a atuação participativa no Núcleo Básico contribui para o aumento da auto-estima dos componentes, pois se sentem valorizados, ao verem suas opiniões serem aceitas, respeitadas, colaborando, efetivamente para o andamento dos trabalhos, sentindo-se, realmente,

colaborador ativo, co-autor, nas diversas ações. Esta auto-estima também é evidenciada quando os componentes participam de atividades, no colégio ou fora dele, com o objetivo de apresentar os trabalhos desenvolvidos no MDCI, quando se percebe a satisfação, o orgulho de estarem construindo este Museu do Colégio no Bairro de Itapuã.

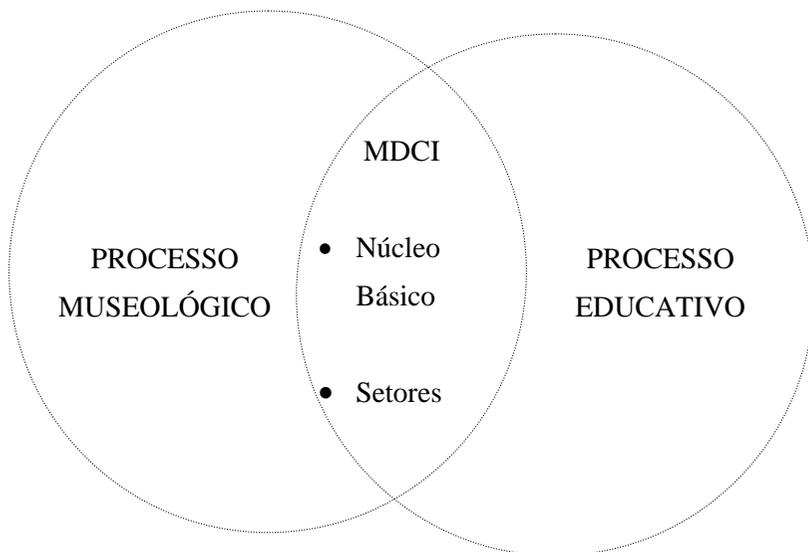
Definimos, portanto, na organização deste museu, o Núcleo Básico como o ponto de referência, o núcleo central, no sentido de democratizar a gestão, de possibilitar a construção conjunta do MDCI. O Núcleo se estruturou, cresceu e se fortificou, no concreto das ações, tendo como referencial a concepção inicial transformada no processo. Destacamos que a metodologia adotada privilegiou a interação, a participação, contribuindo efetivamente para que todos os membros envolvidos no processo se tornassem participantes ativos na gestão e organização do Museu.

A gestão e a organização do MDCI foram alimentadas em todo curso pela concepção inicial. Neste sentido, destacamos o poder realizador da teoria, tornando real os conceitos, ao passar do universo simbólico que os concebeu ao fazer cotidiano dos indivíduos envolvidos no processo. Construimos um processo museológico que motivou a existência de um Museu Didático-Comunitário. Este museu é o resultado dos avanços da construção do conhecimento na Museologia em vários momentos históricos. Ele não é o Museu “Tradicional”, não é o Museu da “Nova Museologia”. É simplesmente um museu, em determinado contexto, em suas dimensões de tempo e espaço, produzindo conhecimento, alimentando a teoria museológica, portanto, em relação com a teoria museológica e aberto à absorção de outros conhecimentos. Entendendo este museu como uma instituição,

resultado da criação de um grupo, em constante reflexão e, conseqüentemente, em permanente transformação, reconhecemos que o seu processo será sempre dinâmico, no sentido da recriação, caracterizando as ações humanas que o estão reconstruindo ou desconstruindo, em cada momento histórico.

No esquema abaixo, tentamos sintetizar a concepção do MDCI, resultado dos processos de ação e reflexão, ao longo do caminhar, até o presente momento:

MUSEU EM PROCESSO



QUANTO À RELAÇÃO ENTRE O PROCESSO MUSEOLÓGICO E A EDUCAÇÃO:

As ações museológicas foram concebidas desde o início com objetivo didático para serem desenvolvidas no processo educativo do fazer cotidiano da escola. Nesse sentido, não houve em nenhum momento uma dissociação entre a Museologia e a Pedagogia. Ambas estiveram integradas, uma alimentando a outra, no decorrer das programações, nos diversos níveis de ensino, do 1º Grau até a Pós-Graduação. Consideramos este processo fundamental no sentido de proporcionar intercâmbio efetivo entre os vários cursos. Destacaremos pois, alguns aspectos, produto dessa interação e que consideramos relevantes, tanto para o campo da Museologia, como da Pedagogia:

Através das diversas programações, foi possível repensar os conteúdos programáticos, o material didático e as atividades pedagógicas, envolvendo também os alunos na elaboração do planejamento das atividades, tornando-os co-autores dos diversos programas, desenvolvendo-os, produzindo conhecimento a partir da análise da realidade. Este conhecimento tem sido utilizado em sala de aula pelos professores, pela equipe do museu, enfim pelos grupos responsáveis por sua produção, como também tem sido processado, por intermédio da ação documental, tornando possível a sua utilização por parte de outros grupos, que os consultam para subsidiar os diversos trabalhos que são produzidos.

Este processo tem sido bastante tátil no sentido de aumentar a auto-estima dos alunos, de desenvolver a socialização, a reflexão e o senso crítico, atitudes de

cooperação e organização. As diversas programações os motivaram a fazer parte do Núcleo Básico do MDCI, onde podem trocar informações, desenvolver experiências, criar laços de amizade com os demais componentes, em um processo de crescimento pessoal e de cidadania em que alunos das diversas séries se relacionam com professores, alunos de Museologia, com a pedagoga do IAT, com a coordenadora do projeto e outros atores do processo, em um ambiente de respeito, de solidariedade e de amizade, favorecendo o desempenho do grupo e um alto grau de satisfação. As ações no MDCI também têm contribuído para melhorar a capacitação do grupo, não só por meio das diversas atividades desenvolvidas, como por terem acesso à bibliografia referente aos diversos temas trabalhados, por elaborarem relatórios, por aprenderem a organizar as idéias e a apresentá-las em grupo, suscitando discussões e reflexões. Como resultado das ações no MDCI, hoje temos uma ex-aluna do Curso de Magistério, integrante do Núcleo Básico, se preparando para fazer o vestibular para Museologia no início de 1996.

Por meio das ações museológicas, foi possível a qualificação da cultura produzida pelos diversos grupos, possibilitando-lhes compreender o fazer do cotidiano como um fazer cultural. Buscou-se, através das diversas ações, a apropriação e reapropriação do patrimônio cultural, tornando possível ao cidadão, desde a sua formação, considerá-lo como um referencial para a construção e reconstrução da sociedade. Em se tratando do Curso de magistério, este aspecto foi de fundamental importância, pois, ao desenvolverem programas a partir da análise da realidade compreendida enquanto fazer cultural, as alunas vivenciaram na prática como planejar, organizar e avaliar programas desse teor, o que as capacitou a

desenvolver ações semelhantes quando da sua prática profissional.

É interessante registrar que os conteúdos dos programas das diversas disciplinas, tanto no 1º Grau como no Curso de Magistério, foram relacionados aos diversos subtemas, dos dois temas selecionados pela maioria dos professores e alunos, ou seja “Itapuã” e “A História do Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior”, o que demonstra que mesmo no currículo já instituído é possível adequar os diversos conteúdos programáticos aos interesses dos alunos, tornando o ensino mais próximo da realidade, contribuindo para o processo de reflexão, análise e transformação da realidade. Por meio dos diversos programas desenvolvidos, conseguiu-se revitalizar a escola, sua relação com a comunidade e a participação efetiva no fazer cotidiano da sala de aula, com os alunos se envolvendo afetivamente com a escola e com o seu bairro. Por outro lado, foi possível através do planejamento em conjunto, do acompanhamento das diversas ações, realizar com os professores e com a equipe de Museologia um treinamento em serviço no cotidiano da escola, utilizando o fazer cultural local como referencial, sem retirar os docentes da sala de aula.

É necessário registrar que o processo museológico através das ações de pesquisa, conservação e comunicação, ao produzir um conhecimento sobre a educação no Colégio Lomanto Júnior no Bairro de Itapuã e ao organizar um banco de dados no MDCl, do qual fazem parte fotos, vídeos, documentos relacionados à vida administrativa e didática da escola e do Bairro, está contribuindo para a construção da História da educação na Bahia, colocando à disposição dos pesquisadores, de forma organizada, uma vasta documentação.

Desta forma, o MDCI está realizando uma ação pioneira no âmbito da educação na Bahia, no Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, no sentido de preservar a sua memória e de utilizá-la como referencial para a realização de diversas ações, no momento presente.

Merece destaque, na presente análise, a atuação do Instituto Anísio Teixeira. Ao realizar uma parceria com a UFBA para o desenvolvimento do projeto, tornou possível a reciclagem e o treinamento dos professores na própria escola, sem retirá-los do seu contexto de trabalho, melhorando a qualidade do ensino, dando condição também para a realização de pesquisas com dados sobre a nossa realidade, que deverão ser divulgados através de publicações, de cursos, seminários etc, motivando a realização de outras ações. A atuação do IAT não se deu somente através da remuneração de bolsistas e pesquisadores e da compra do material necessário ao desenvolvimento das programações, mas também através da atuação de uma pedagoga, contribuindo com a construção do processo. É importante destacar que a coordenação e toda a equipe envolvida em nenhum momento foi pressionada ou incentivada a mudar os objetivos estabelecidos e a metodologia utilizados. Nos sentimos livres para criar, para conceber e desenvolver as diversas ações, sem nenhuma interferência da gerência ou da direção do Instituto. As dúvidas foram sempre esclarecidas através do diálogo e do respeito mútuos. Consideramos, pois, de extrema validade a parceria entre a universidade e outras instituições que atuam nas áreas da educação, da cultura etc., viabilizando as ações de pesquisa, ensino e extensão, de forma integrada, melhorando o desempenho dessas instituições, tornando-as

mais próximas da vida e contribuindo para o desenvolvimento social.

Em se tratando da Pós-Graduação em Educação, foi possível, por meio de um projeto originado no seu interior e desenvolvido no curso do doutorado, tornar este programa mais próximo da comunidade, desenvolvendo ações efetivas em uma escola de 1^o e 2^o Graus e na comunidade do Bairro de Itapuã, ao mesmo tempo em que essas ações eram trazidas para o interior da academia, apresentadas, discutidas, enriquecidas nos Seminários de Tese e nas reuniões do Núcleo Temático de pesquisa em um intercâmbio bastante saudável entre esses diversos níveis de ensino, contribuindo para quebrar o isolamento, tão comum e pernicioso na academia, principalmente nos cursos de pós-graduação.

Por meio das ações museológicas integradas à prática de ensino do 1^o e 2^o Graus, foi possível divulgar e ampliar a atuação da Universidade Federal da Bahia (Curso de Museologia e Doutorado em Educação), integrando-a à comunidade onde está inserida, não como entidade superior que leva o conhecimento produzido na academia, mas aberta ao diálogo e à troca, deixando-se enriquecer e possibilitando também um enriquecimento dos demais cursos participantes do projeto. No decorrer do processo, também foi possível divulgar o profissional museólogo, a Museologia e o museu, sendo que, em relação à Museologia, o seu reconhecimento se deu de forma efetiva, não só através de todo o processo museológico bem como ao ser inclusa como “atividade diversificada” para os alunos da 5^a série, em 1994 e também para a 6^a série, em 1995. O profissional museólogo, até então desconhecido da grande maioria dos participantes, passou a ser solicitado para realizar ações conjuntas com os professores e a

ser reconhecido através das diversas ações técnicas desenvolvidas no museu, na sala de aula e no bairro.

Em relação ao Curso de Museologia, no decorrer das diversas ações, viabilizou-se a participação de estagiários atuando em atividades de pesquisa, conservação e documentação, sendo possível aos mesmos vivenciar uma ação museológica com base na participação, na interação com os diversos participantes, atuando na gestão e organização de um Museu Didático-Comunitário, oportunidade até então inexistente no Curso de Museologia da UFBA. Quanto aos professores do Curso, conseguiram integrar as ações de pesquisa, ensino e extensão, trazendo para a sala de aula o conhecimento construído no processo, para análise e reflexão dos alunos da graduação. Em relação à extensão, esta não se deu de forma isolada, como um produto acabado, para ser oferecido a alguém, mas se processou naturalmente, integrada às demais ações, sendo considerada, neste processo, mais como *ação* do que como *extensão*. Ação, no sentido de abertura para a construção conjunta, respeitando-se os interesses e as possibilidades de criação, de contribuição dos diversos segmentos envolvidos.

Através da análise da atuação dos professores e dos estagiários do Curso de Museologia, desenvolvendo um processo museológico integrado à prática educacional no Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, podemos levantar alguns aspectos em relação ao perfil do profissional museólogo, que talvez possa contribuir para uma reflexão em torno dos currículos dos cursos de Museologia e para a ampliação da concepção em torno do campo de atuação do profissional museólogo. Consideramos necessário, entretanto, realizar uma rápida análise sobre a formação do profissional,

ocorrida ao longo do processo de formação para, em seguida, apresentar as considerações resultantes da construção deste processo museológico.

Os cursos de Museologia geralmente tinham como referencial para montagem de seus currículos o *MUSEU*. A ênfase, o enfoque central era a coleção. Pretendia-se formar o curador de museus que, ao longo do desempenho profissional, reproduzia o conhecimento produzido nas diversas áreas, relacionadas com as categorias específicas de museu: história, arte, etnologia etc. Nesse contexto, forma-se o conservador, o catalogador, o expositor, através de um ensino meramente descritivo pautado na aplicação de um conjunto de técnicas. Ao longo do processo histórico, observa-se uma tentativa de relacionar a teoria à prática, dando ênfase à interdisciplinaridade. Os cursos de pós-graduação vão proporcionar a oportunidade de interação com diversas áreas afins às categorias específicas de museus. Assim, os historiadores de arte e artistas plásticos vão atuar nos museus de arte, os antropólogos e etnólogos nos museus de arqueologia e etnologia etc. A prática no museu vai então estar relacionada às diversas áreas de atuação. A Museologia, neste contexto, é considerada como a ciência do museu, uma ciência auxiliar dos grandes ramos do conhecimento. Ressaltamos, entretanto, que o processo de formação do profissional é dinâmico e, como tal, apresenta avanços e retrocessos, de acordo com a concepção, com o caminhar da Museologia ao longo do processo histórico. Portanto, estas características não podem ser enfocadas de forma linear. Podemos encontrar cursos de Museologia que, em sua grade curricular e no desempenho das atividades pedagógicas, apresentam, em relação à evolução do processo museológico, aspectos que

podem ser considerados avançados e, ao mesmo tempo, mantêm atividades e programas que refletem a ênfase na coleção, no Museu, enquanto realidade objetiva, dissociado da prática social, em seu processo de construção e reconstrução.

Ao longo do nosso caminhar, foi possível, como ficou registrado anteriormente, delinear um perfil para o profissional museólogo a partir da produção do conhecimento, tendo como referencial a prática social, qualificada culturalmente, musealizada, em interação com os diversos segmentos envolvidos no processo. A seguir, apresentamos um esquema, resultado do nosso desempenho e das reflexões realizadas, salientando que não pretendemos apresentar um perfil definitivo, pronto, acabado, mas alguns indicadores em processo, assim como consideramos a Museologia em constante processo de construção e reconstrução:

**PERFIL DO PROFISSIONAL MUSEÓLOGO
A CONCEPÇÃO:**

**TEORIA MUSEOLÓGICA = RESULTADO DA RELAÇÃO:
TEORIA- PRÁTICA ⇔ PROCESSO HISTÓRICO
↓
BASE PARA TODO O FAZER MUSEOLÓGICO**

**O PROFISSIONAL QUE PRODUZ CONHECIMENTO A PARTIR
DA REFLEXÃO SOBRE A AÇÃO:**

**A PRÁTICA REFLETIDA-TEORIZADA.
PROFISSIONAL CAPAZ DE:**

- DOMINAR A TEORIA MUSEOLÓGICA;
- APLICAR CONSCIENTEMENTE A TEORIA MUSEOLÓGICA;
- ENRIQUECER A PRÁTICA E A TEORIA MUSEOLÓGICA;
- ENRIQUECER E SER ENRIQUECIDO POR OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO;
- MUSEALIZAR QUALQUER FAZER CULTURAL;
- INTERAGIR COM OS SUJEITOS SOCIAIS.

**MUSEOLOGIA EM PROCESSO ⇔ MUSEU EM PROCESSO
↓
CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA PRÁTICA SOCIAL.**

Assim, da ação integrada entre os vários níveis de ensino, por meio da pesquisa, ensino e extensão, foi possível uma ação museológica como ação educativa e uma ação educativa integrada ao processo museológico. No quadro abaixo, sintetizamos este processo pleno de troca, de respeito mútuo, de aprendizagem, de crescimento profissional e pessoal:

PROCESSO EM PERMANENTE CONSTRUÇÃO:

PESQUISA ↔ ENSINO ↔ EXTENSÃO

QUANTO ÀS DIFICULDADES ENCONTRADAS:

Ao contrário do que pode parecer, este processo não se deu de forma tão tranqüila. Ao analisarmos as conquistas, e os produtos conseguidos verificamos que ele foi permeado por várias dificuldades, por algumas “pedras no meio do caminho”, que são interessantes registrar, pois vencê-las foi um grande aprendizado, um desafio.

Em relação aos recursos materiais, no início, tivemos que adquirir material de expediente com nossos próprios recursos, pois não tínhamos, sequer, uma pasta. Até a montagem da primeira exposição, não tínhamos ainda a verba do Instituto Anísio Teixeira. Tivemos que reaproveitar material, usando a criatividade e comprar filmes para fotografia, slides e vídeo, pagar revelações, adquirir materiais para exposição etc. Em relação ao espaço físico, houve momentos de desânimo da equipe, pois o espaço foi sendo

conquistado, gradualmente, no decorrer do processo e havia o desejo de nos instalarmos, definitivamente, no colégio.

Desenvolver uma ação desse teor, em um colégio público, com funcionários e professores desmotivados devido às péssimas condições de salário, ao desconforto para trabalhar, à falta de disponibilidade de tempo para realizar o planejamento, corrigir provas etc., porque têm que correr de um lado para o outro, com o objetivo de complementar a sua renda mensal, nos fez sentir, muitas vezes, “remando contra a maré”. Houve momentos de desânimo, de tristeza, quando vivenciamos de perto e pudemos constatar, ampliando a nossa análise, como são as reais condições da educação no Brasil. Acrescente-se a esta desmotivação, o descrédito que o corpo docente manifesta em relação aos projetos, às pesquisas que são realizadas nas escolas, sobretudo quando o pesquisador é de outro ambiente, pois estão cansados de serem utilizados, junto com seus alunos, como objeto de estudo de diversas pesquisas educacionais que não dão nenhum retorno, isto é, que ficam confinadas nas instituições que as originaram. Desta forma, foi necessário um período de um ano, aproximadamente, para que compreendessem as intenções do projeto, separar instalando e fazendo funcionar, através de uma ação conjunta, um museu no interior do colégio, e assistissem o nosso empenho diário, no fazer cotidiano da escola, construindo uma ação que está sendo analisada em uma tese de doutorado, (fato que nunca foi omitido), mas que extrapola essa exigência para titulação. Após um ano de atuação no Colégio, quando da realização do Seminário do Estágio Curricular, com as escolas do bairro, ouvimos o depoimento de uma professora: “Célia foi chegando com a sua equipe, foi-se instalando, e nós ficamos observando, achando

que era mais um pesquisador que fica um mês, coleta dados e vai embora. Mas não, a mulher ficou, enfrentou as dificuldades, está construindo, conosco um museu neste colégio, portanto, está tendo agora todo nosso apoio”. Este depoimento foi um grande reforço para a equipe, significava que já tínhamos credibilidade, que as dificuldades são para serem vencidas e que, trabalhar em educação, é “meter a mão na massa”, é estar disposto a compartilhar dos mínimos detalhes do cotidiano porque eles fornecem a base para as conquistas.

Os detalhes do cotidiano significam, também, em nossa realidade, compartilhar e dividir o desconforto: salas de aula mal projetadas, produzindo um calor insuportável resultado do sol de 35º graus de Itapuã, com uma acústica inadequada, onde se tem que gritar para ser ouvido, falta de água e roubos – houve 3 arrombamentos na sala do museu, durante o nosso primeiro ano no colégio; felizmente, deixaram de acontecer. Estes roubos deixavam o “moral” do grupo bastante abalada. Foi necessário entusiasmo e criatividade por parte da coordenação, no sentido de realizar conquistas a partir dos acontecimentos dos roubos, como mudanças de salas, ampliando o espaço para recuperar o entusiasmo da equipe. Outro aspecto do cotidiano é estar disposto a limpar a poeira, empurrar móveis etc. São fatores que podem ser considerados irrelevantes, mas, se não fosse a disposição para enfrentá-los, não teríamos condições de avançar, pois a escola não possui uma infra-estrutura adequada de pessoal e material necessários. É interessante registrar que enfrentar estas dificuldades, encontrando soluções criativas, envolvendo o grupo em mutirões de trabalho muitas vezes braçal, teve o seu lado positivo em relação à própria equipe do museu, ao sentir

que somos capazes de agir, de construir mesmo em condições adversas, fato que nos deu segurança e tornou o grupo mais unido, enfrentando as tarefas em igualdade de condições. No que se refere aos professores e à administração do colégio, ajudou a desenvolver a credibilidade, a confiança em relação ao grupo, pois as tarefas realizadas demonstravam também o empenho e a força de vontade de todos. A abertura da direção do colégio, favorecendo o diálogo, colocando à nossa disposição, dentro das possibilidades, os recursos necessários, permitiu vencermos as dificuldades, incentivando-nos a continuar.

Em relação ao processo museológico, é interessante registrar a insegurança dos estagiários de Museologia e a vontade de ver este museu “pronto”, pois nunca haviam vivenciado processo semelhante. O papel da coordenação, neste momento, foi muito importante no sentido de estabelecer uma discussão permanente sobre a concepção do projeto, demonstrando a segurança adquirida ao desenvolver projetos anteriores com alunos e professores de 1^o grau vencer, também, suas inseguranças, pois havia vários aspectos inovadores na ação desenvolvida no Colégio Estadual Governador Lomanto Júnior, que somente, no processo de reflexão conjunta, poderíamos encontrar a segurança necessária.

É interessante registrar, também, as dificuldades encontradas em relação à metodologia adotada. Os obstáculos para se realizar uma Museologia participativa, uma educação-processo são muitos, pois exige uma permanente reflexão conjunta, maturação e discussão das idéias propostas, respeito à idéia do outro e aceitação de uma construção compartilhada. É necessário estar preparado para a ação participativa. Houve

momentos em que me sentia na contramão devido às dificuldades, à falta de hábito dos sujeitos envolvidos no processo de trabalharem de forma cooperativa. A nossa formação educacional e profissional, nos leva a criar um produto para ser consumido passivamente. Em alguns momentos, éramos tentados a apresentar um “pacote pronto”. Teria sido muito mais fácil escolher temas, ou até fazer uma consulta sobre os mesmos e aplicar uma técnica sem o envolvimento e a reflexão conjunta. Vencer esta tentação, provocando a integração, foi uma batalha árdua, mas que produziu um processo participativo, considerando as expectativas e as reais necessidades do grupo, ao ponto de levar-me a afirmar hoje que esta tese não é somente minha, é rica em co-autoria. Experimento, neste momento, um alto grau de satisfação ao perceber que não fui um pesquisador solitário, que crescemos juntos e que valeu à pena vencer os problemas e construir uma ação verdadeiramente compartilhada.

Ainda em relação à metodologia, é necessário salientar o esforço empreendido para desenvolver esta ação e, no seu curso, ainda buscar o tempo necessário para registrá-la, descrevê-la e analisá-la. Fato que exige do pesquisador disponibilidade para agir e, ao mesmo tempo, ter a disciplina necessária ao trabalho de organização, sistematização e análise dos dados. Para vencer esta dificuldade, os meus cadernos de campo e de anotações foram extremamente úteis, pois, ao mesmo tempo em que desenvolvia as ações, a partir dos esquemas de trabalho organizados e ali registrados, também ia anotando simultaneamente dados que surgiam no decorrer do processo de ação e reflexão e que considerava interessante registrar na tese. Foram dois anos de ação e reflexão, no

Colégio Lomanto Júnior e de ação e reflexão em casa, sistematizando as idéias.

Finalizando este item, ressalto que, em nenhum momento, deixei-me desanimar, desacreditar no processo que está sendo construído. As dificuldades deram-me força e tornaram o grupo mais coeso. Posso dizer que os obstáculos, assim como o entusiasmo, a satisfação, a alegria, a tristeza alimentaram este processo durante todo o tempo, porque ele está impregnado de “vida” e vida é processo, que se movimenta diante da força da ação individual e grupal. E a vida, o humanismo foram para mim a mola mestra para a construção do conhecimento.

CONSIDERAÇÃO FINAL:

A prática aqui registrada foi a prática possível. Como é histórica, com certeza, será alimentada por outras práticas, por outras teorias, num rico processo de construção e reconstrução. Retomo as palavras iniciais deste capítulo para reafirmar que permaneci, todo o tempo, imersa neste processo. Ele está repleto de marcas pessoais. Assumo os riscos de ter sido, ao mesmo tempo, sujeito e objeto. Optei por tentar ser coerente com o meu ideal, assumindo o compromisso social de, através da Museologia e da Educação, lutar por uma melhor qualidade de vida e pela prática da cidadania. Tentei ser sujeito da História e junto comigo vieram tantos outros...